

## 8. Quem sou eu?: a criação de possibilidades de existir para adolescentes e jovens em tempos de pandemia

*Pérola Lozano T. de Carvalho<sup>1</sup>*

Este texto é dedicado a reflexões sobre a busca por existir por si próprio, conceito de Winnicott (1963/1983), para pensar as adolescências e as juventudes atravessadas pelo contexto da pandemia, tendo como princípio serem marcadas pela pluralidade em diferentes realidades sociais. Trata-se de um período que tende a mobilizar questões acerca de “Quem sou eu?” e da busca pela afirmação “Eu sou” (Davis & Wallbridge, 1982, p. 96), conforme será desenvolvido no decorrer do texto.

Considerando que as adolescências e as juventudes não são um fenômeno universal e homogêneo e que as experiências são diversas e impactadas por diferentes contextos macro e microsociais – o que nos convida a fugir de conceitos de uma adolescência/juventude abstrata ou dos generalizantes “problemas da adolescência” –, apresentaremos alguns aspectos relevantes desta fase da vida, em diálogo com alguns fragmentos de relatos de adolescentes e jovens impactados pelo cenário da pandemia.

A pandemia de covid-19 é uma emergência de saúde pública de escala global e representa também um desafio à saúde mental das pessoas, com

---

<sup>1</sup> Mestranda da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), especialista em Psicologia Clínica pelo Centro de Formação e Assistência à Saúde (CEFAS) e psicóloga graduada pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), *campus* Bauru. Contato: perola.lozano@gmail.com.

diferentes impactos conforme atravessamentos de gênero, classe social, raça e idade. Desta forma, é fundamental questionar os efeitos da pandemia na saúde e no processo de amadurecimento dos adolescentes e jovens, bem como quais aspectos são intensificados pelo contexto da pandemia e podem ganhar novos contornos.

Para isso, na primeira parte deste texto, serão situadas diferentes pandemias, considerando múltiplos fatores, sociais, políticos, econômicos, culturais, psíquicos etc., para que, posteriormente, abordemos as adolescências e as juventudes como busca por existir por si próprio, a partir das contribuições da psicanálise, principalmente de Winnicott (1963/1983), captando elementos desse processo em meio à pandemia.

A discussão será apresentada em conjunto com alguns fragmentos de meu contato com jovens, seja como psicoterapeuta, seja como pesquisadora.<sup>2</sup> Os nomes dos participantes apresentados são fictícios. Ao final, serão tecidas considerações a respeito das relações deles com a condição de distanciamento social, e a hiperconexão das telas, fenômeno este cada vez mais presente para uma parte dos adolescentes que tem acesso.

## *Diferentes pandemias*

Com a necessidade de medidas de isolamento e distanciamento social, consequência direta da pandemia de covid-19, muitas foram as recomendações com restrições de sair de casa e de estar junto fisicamente com as redes de afeto do convívio. As relações mediadas pelas telas, que, para muitas pessoas, já eram intensas, ficaram ainda mais – ao menos para quem tem acesso a elas. Estas exigências podem ser marcadas de diferentes formas para cada um, seja

---

2 Com o projeto de pesquisa de mestrado “Adolescências, Gênero, Sexualidade e Educação: Contribuições da Psicanálise”, na Faculdade de Educação da Unicamp, sob orientação de profa. dra. Ana Archangelo, venho investigando as concepções de adolescentes (entre 14 e 17 anos) a respeito da sexualidade e gênero vivenciados na escola. Trata-se de uma investigação qualitativa dos relatos de jovens por meio de entrevistas individuais, acerca das vivências em sexualidade e gênero e de como estas experiências se dão no contexto escolar, tendo a psicanálise como aporte teórico-metodológico.

pela necessária cautela que exige este momento, pelo intenso medo ou, ainda, pelo seu avesso: a negação.

Oliveira et al. (2020) sugerem que a situação de pandemia pode ser considerada um determinante que afeta diferentes dimensões da vida dos adolescentes, sobretudo associando-se a problemas de saúde mental. Os adolescentes estariam vivenciando de forma negativa as medidas de distanciamento social e o fechamento das escolas, com o aumento do risco para o desenvolvimento de quadros de ansiedade, depressão e outros problemas psicológicos. Ainda, os adolescentes poderiam estar mais expostos a situações de violência doméstica, muitas vezes estando isolados em um contexto familiar violento.

O fechamento das escolas, que implica a perda da rotina, a privação da convivência com colegas e a implementação compulsória do ensino remoto, também impactou a vida de milhões de adolescentes. Para alguns, em um contexto de intensas vulnerabilidades sociais, a escola era também uma forma de garantir condições básicas de alimentação. A suspensão das aulas presenciais trouxe grandes dificuldades e desafios. A publicação *Retratos da educação no contexto da pandemia do coronavírus* (Lima, 2020) indica um panorama marcado por dificuldades para avançar no aprendizado em situações não presenciais; sobrecarga e ansiedade dos profissionais, dos estudantes e de suas famílias e riscos de abandono escolar por parcelas representativas de estudantes, da Educação Infantil ao Ensino Médio. As desigualdades nas condições de oferta educacional, de acesso e realização das atividades foram agravadas com a suspensão das aulas presenciais, de tal modo que as mudanças no processo educacional no contexto da pandemia não são apenas um reflexo da desigualdade existente do país, mas um fator que tende a acirrar tais desigualdades.

As desigualdades são produzidas por diferentes condições na oferta de oportunidades de aprendizado – o que se vincula às características dos territórios, às especificidades das redes de ensino e às características socioeconômicas das famílias, dos estudantes e dos educadores – e impactam de maneira mais evidente os estudantes segundo sexo/gênero, cor/raça e renda familiar. A pesquisa citada constata a desigualdade de condições de aprendizagem durante o período de interrupção das aulas presenciais e “a falta de infraestrutura e conectividade dos alunos” como a maior dificuldade para os

estudantes do Ensino Médio, seguida pela “dificuldade de manter o engajamento dos alunos”, de acordo com os professores entrevistados (Lima, 2020, p. 54).

A publicação apresenta os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicando que os jovens de 15 a 17 anos que frequentam o Ensino Médio são os mais impactados pela desigualdade: de cada 100 crianças que ingressam no sistema de educação brasileiro, 89 concluem os anos iniciais do Ensino Fundamental na idade correta (12 anos). Essa proporção vai diminuindo nos anos finais (78) e no Ensino Médio (69).

Entre as populações em situação de vulnerabilidade social, a pandemia tem escancarado as contradições e desigualdades deste país, já que parte significativa da população brasileira – trabalhadores na base da pirâmide de distribuição de renda – está sendo atingida com mais brutalidade pelos impactos diretos e indiretos da pandemia, o que pode ser visto nas taxas de contágio e de morte, no desemprego, na queda da renda, na fome e na insegurança alimentar que os acometeram significativamente. Afinal, diante do tão repetido “fique em casa”, sabe-se que para a maioria das pessoas esta não é uma opção em virtude da necessidade de trabalho, da alta taxa de informalidade e da naturalização do risco de vida, muitas vezes ao conviver com violências diárias (Abrasco, 2020).

A pesquisa do DataFavela, por exemplo, sinalizou que 54% das pessoas empregadas têm receio de perder o emprego e 75% preocupam-se com os impactos da doença em suas rendas. Estas tensões – relacionadas às questões mais básicas de sobrevivência – podem intensificar o sofrimento psíquico nos jovens destes grupos sociais (Abrasco, 2020).

Embora ninguém consiga escapar da pandemia, ela tem consequências distintas em múltiplas realidades, considerando os marcadores de raça, gênero e classe. Há, assim, diferentes pandemias circulando de norte a sul do Brasil, bem como há diferentes adolescências, condições concretas e históricas de vida que perpassam tais cenários.

Estrela et al. (2020) corroboram essa análise ao elucidar que os marcadores de raça, gênero e classe se apresentam enquanto condição vulnerabilizadora da exposição à covid-19, nos mais diversos cenários mundiais. Esse contexto

denuncia a necessidade histórica da implantação de estratégias de melhoria de vida dessa população, a adoção de políticas socioeconômicas de maior impacto e com maior abrangência, ampliando o acesso a melhores condições de saúde, educação, moradia e renda.

A pesquisa de Gomes (2020) traz um importante questionamento sobre quem é mais afetado pela crise do novo coronavírus do Brasil. Aponta que a alta taxa de letalidade recai sobre os pobres e, com maior contundência, sobre as pessoas negras (pretos e pardos) e pobres. Negras e negros estão entre o público mais exposto ao novo coronavírus pelo maior índice da condição de pobreza, de exclusão, de desemprego, de trabalho informal, de moradia em regiões periféricas, vilas e favelas muitas vezes sem saneamento básico.

Já Vezzali (2020) denuncia que o fechamento das escolas afeta principalmente os estudantes mais pobres, ainda mais as meninas, considerando o cenário da América Latina e do Caribe. Mais de 11 milhões de meninas podem deixar de estudar por conta dos impactos econômicos da pandemia no mundo, segundo a Unesco. Crises como essas tendem a aumentar as tarefas domésticas e o trabalho não remunerado de meninas e jovens mulheres, e ainda limitar o tempo disponível para ir à escola, trazer menos oportunidades de aprendizagem e maior risco de evasão escolar.

Considerando-se estas reflexões introdutórias sobre as mais diferentes pandemias e realidades que a pandemia produz e evidencia, torna-se necessário refletir sobre os impactos nas vivências de jovens, integrando suas dimensões sociais e subjetivas.

### *Adolescência e juventude:<sup>3</sup> busca por existir por si próprio*

Há uma ampla discussão no campo da psicologia sobre os termos “adolescência” e “juventude”, a qual não é objeto deste estudo. Optamos por

---

3 Os estudos winnicottianos abordam os processos psíquicos ocorridos ao longo da adolescência. Consideraremos aqui que suas contribuições servem também para que analisemos a juventude, período compreendido dos 12 aos 29 anos de idade, segundo o

privilegiar o termo “adolescência” e por tratá-los (adolescência e juventude) indiscriminadamente nos trabalhos citados.

Tendo em vista a importância do ambiente e das relações intersubjetivas para se aproximar de uma concepção do adolescente como uma pessoa encarnada, psicossomática, e não mais “apenas” em termos de psiquismo e relações mentais, Winnicott (1963/1983) faz importantes contribuições. A proposta do psicanalista inglês é estudar e discutir, ao mesmo tempo, os fatores pessoais e ambientais implicados neste processo de amadurecimento.

Em sua obra há um importante enriquecimento da noção de ambiente. Este passa a ser compreendido como um conjunto que inclui as tendências herdadas, a provisão do ambiente, o mundo passado e futuro e o universo ainda desconhecido. O mundo externo é enriquecido pelo potencial interno e o interior é enriquecido pelo que pertence ao exterior (Winnicott, 1963/1983).

Professores, pais, psicólogos e demais profissionais da saúde, ao lidarem com os adolescentes, são atravessados pelos efeitos psíquicos deste período da vida em cada um, o que faz ativar a lembrança do que foi sua própria adolescência. Ao mesmo tempo, implica um esforço em suportar características de comportamento consideradas comuns nesta fase, como o repúdio a soluções falsas, a necessidade de sentir-se real e a ânsia por desafiar (Winnicott, 1987).

O conflito entre dependência e independência ganha centralidade nesta discussão. Rebeldia, vontade de desafiar, uma busca por se diferenciar e constituir-se como pessoa, ao mesmo tempo, com uma necessidade de amparo, proteção e suporte são aspectos que podem coabitar o mundo interno e as vivências nessa fase. Há a urgente necessidade de ser rebelde em um contexto em que se possa confiar e que também acolha a dependência. Quando os adultos querem prontamente encontrar e impor uma solução para o problema do adolescente, tais ideias são facilmente rejeitadas, mostrando-se como uma falsa solução para eles, conforme adverte Winnicott (1987). Neste sentido, o autor preconiza que os adolescentes se sentem reais apenas na medida em que recusam essas falsas soluções. Afinal, “sentir-se real é mais do que existir; é

---

Estatuto da Juventude, justamente por essa fase ser comumente tratada como uma fase intermediária entre a infância e a vida adulta. Não à toa, pesquisadores têm defendido a ampliação da adolescência dos 10 aos 24 anos (BBC, 2018).

descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu (*self*) para o qual retirar-se, para relaxamento” (Winnicott, 1971/1999, p. 161).

É possível, assim, compreender o quanto pode se tornar avassalador forçar os jovens a se submeter a algo às custas de um modo pessoal, abandonar uma opinião própria para conformar-se com uma alheia. A tendência facilmente será os adolescentes desafiarem ainda mais e se manifestarem com rejeição diante de uma ameaça de extinção e desintegração, na busca por ser alguém. Tal necessidade de desafiar tem um estreito vínculo com o repúdio à solução falsa e a necessidade de se sentir real.

Winnicott (1965, 1987), postula, ainda, que quando no grupo existem alguns jovens que tomam alguma atitude concreta de provocação à sociedade, é possível que surja no agregado uma coesão, criando nos outros um sentimento de realidade e estrutura, temporariamente um grupo, mesmo que isoladamente cada um não concorde. Cada indivíduo usa dos casos extremos para sentir-se real, e todos serão leais e apoiarão o indivíduo que agirá pelo grupo, embora nenhum deles tivesse aprovado o que o extremista fez.

A adolescência é o momento em que o papel do grupo ganha maior relevância. Porém, para Winnicott (1987, p. 152), “o adolescente é essencialmente isolado. É a partir de uma posição de isolamento que ele se lança no que se pode resultar em relações”. Segundo o autor (Winnicott, 1965), os grupos de jovens configuram-se como um agregado de indivíduos isolados por meio da identidade de gostos.

Com a pandemia, os jovens estão privados da convivência com seus grupos, o que pode tornar seu isolamento ainda mais concreto. Torna-se um desafio estabelecer e manter laços apesar da distância física, criando-se outros modos de estar junto, muitas vezes exclusivamente virtual. O conflito entre a solidão e a necessidade de estar em grupo é um dos aspectos-chave da adolescência que, por hipótese, pode estar mais sensível em um momento como o atual.

Nasio (1942/2011) pensa a adolescência como uma das fases mais fecundas da existência humana, na qual se dão a descoberta e a construção de novos interesses, espaços afetivos e formas de viver emoções; o momento em que se “conquista o espaço social ao descobrir, fora do círculo familiar e da escola,

o universo dos outros seres humanos em toda a sua diversidade” (p. 16). Cada adolescente está inserido em diferentes contextos sociais que impactam suas vivências de acesso e oportunidades para os espaços intelectual, afetivo e social. Assim, este é um momento caracterizado por “uma passagem obrigatória, a passagem delicada, atormentada, mas igualmente criativa” (p. 13).

Winnicott (1965, 1963/1983) postula que a busca de descoberta pessoal precisa ser vivida, mais do que entendida ou curada, sendo inscrita nas experiências do corpo, desde as mais primitivas. Há muita coisa desconhecida porque ainda não foi vivenciada, dessa forma, torna-se evidente a luta por se sentirem reais, sobretudo ao se depararem com o fato de não saber o que se tornarão, onde estão, restando, portanto, a espera. Uma espera marcada por uma coleção de experiências, que possibilitará a conquista do “Eu sou”. Com isso, não devemos curar uma coisa que é essencialmente sadia, afinal, a imaturidade pode ser tomada como uma parte preciosa da adolescência e “a sociedade precisa ser abalada pelas aspirações daqueles que não são responsáveis” (Winnicott, 1971/1999, p. 198).

A realização do “Eu sou” implica a integração da psique com o corpo e depende de suportes e ambientes suficientemente bons. Sem uma resposta à questão “Quem sou eu?”, de acordo com Davis e Wallbridge (1982), é difícil sentir-se real, porque a capacidade para sentir-se real é resultado de uma autodescoberta.

De acordo com esses autores, trata-se de existir por si próprio, o que é algo que pode acontecer se houver espaço para crescer e para a originalidade. A realização do potencial individual, ou seja, a autodescoberta no espaço potencial, diz respeito a uma liberdade real e à capacidade de estar em contato com o eu, o que corresponde a dizer que a vida possui significado.

Pensar essa busca por existir por si próprio é pensar a saúde e a maturidade desses indivíduos e da sociedade na qual estão inseridos, e, dentro do propósito deste texto, considerando-se o contexto atual da pandemia. A saúde do indivíduo se relaciona com a sua maturidade e a da sociedade da qual faz parte, assim, Winnicott (1963/1983) já apontava o quanto se torna incompleto abordar a maturidade do indivíduo em um ambiente social imaturo ou doente.



Davis e Wallbridge (1982), ao analisarem Winnicott (1963/1983), pensam um ambiente doente e imaturo, por exemplo, relacionado com a tendência de identificação dos sujeitos com uma autoridade que provoca forte controle na sociedade, o que não deriva de uma autodescoberta e é bastante diferente da identificação com um grupo social. Os autores refletem sobre um limite opressivo que ameaça a liberdade dos indivíduos e da sociedade, a partir da ideia de Winnicott (1963/1983) que pensa o exercício de liberdade como a marca da democracia.

Desta forma, “a liberdade para crescer, criar e contribuir” caracteriza a “mesma liberdade que é a essência da tendência democrática” (Davis & Wallbridge, 1982, p. 181). Assim, o desenvolvimento pessoal e a construção da sociedade caminham juntos.

Essa discussão se torna ainda mais central no momento atual, em que um cenário tão catastrófico gera riscos de acabar com muitos dos significados possíveis. Em um cenário político brasileiro atualmente marcado por autoritarismo, intolerância e discurso de ódio, com o agravamento das desigualdades sociais e pessoas vivendo em condição de opressão, desespero e privação, impulsionado também pelas consequências desastrosas da pandemia, pergunta-se: é possível sentir-se real em uma realidade tão distópica quanto a nossa? Como é ser real nessa distopia sem fim? Que significados se podem construir diante de tanta desolação?

### *Vida sem significados, vidas insignificantes*

A partir da minha escuta com adolescentes e jovens como psicóloga clínica e como pesquisadora, surgiram algumas questões, considerando os impactos da pandemia: o que é existir por si próprio na pandemia? Qual espaço para crescer e para originalidade existe neste momento? O que é se isolar em um momento de isolamento? O que os adolescentes vêm desafiando neste momento? Quais soluções falsas os adolescentes vêm repudiando ao longo da pandemia?

Pode-se dizer que há muitas soluções falsas dadas pela sociedade no contexto da pandemia. O tratamento precoce, a aposta na imunidade de rebanho, a dualidade entre a morte de pessoas e o fechamento do comércio, o negacionismo, a impossibilidade para muitos de se manter em isolamento, a vacinação que demorou para chegar etc. A ideia de um novo normal e a gestão desastrosa da pandemia em nosso país mostram a naturalização das precariedades da vida pandêmica.

O abandono da escola, por exemplo, pode ser situado nessa falta de perspectiva de futuro, e também de presente, produzindo uma espécie de indiferença e de falta de credibilidade neste modelo de formação e desenvolvimento que conhecemos. Como pensar, neste contexto, a formação escolar? Que significados possui? Com o cenário da pandemia, a lenta política de vacinação no país e o “vai passar” que não passa, é fundamental questionarmos de que forma a crise provocada pela covid-19 influencia as perspectivas de futuro dos adolescentes, perspectivas estas já fragilizadas pela desigual distribuição de renda e acessos.

Paulo, um adolescente de 14 anos que vive com a família em um bairro periférico, me contou em uma entrevista:

*A pandemia não é meu maior problema, já detestava ir pra escola! Agora pelo menos, ninguém mais me enche o saco! . . . Estou procurando algum trabalho. E encontro a galera de toda forma na rua, vou pra pista de skate com a rapaziada, é o que salva! Não tem nem espaço direito pra ficar em casa e tem que revezar o celular pra todos os meus irmãos assistirem às aulas. Na real, estou sem ver aula faz mais de ano. Já não prestava muita atenção na escola, mas antes eu até aprendia alguma coisa.*

Paulo vivencia o abandono escolar impulsionado pela pandemia e, com isso, tende a ser impactado em um processo crescente de exclusão e desigualdade. E o abandono é evidenciado de muitos lados: da educação, de outras políticas públicas e possivelmente da família; entretanto, o skate e os amigos em torno deste parecem ser um importante vínculo que ele construiu e que

permanece. As queixas escolares vivenciadas por ele, ao que parece, são muito anteriores à pandemia; ora, não é de hoje que a escola pública brasileira muitas vezes é um espaço produtor de fracasso, abandono e evasão, conforme bem explicitaram autores como Patto (1999), Aquino (2007) e Souza (2010).

Ressalta-se a importância de reconhecer as tensões e as contradições do espaço escolar e pensar também as possibilidades de resistência, enfrentamento, construção de novos espaços de manifestação e de condução do processo educativo. Porém, possivelmente, para Paulo a escola já era um espaço de pouco pertencimento mesmo antes da pandemia, nem sempre capaz de possibilitar a construção de perspectivas de presente e de futuro. Ir ou não à escola acaba sendo, muitas vezes, indiferente – ou deixar de ir, um alívio. Diante disso, resta a Paulo buscar produzir significados na vida trabalhando – mesmo que, eventualmente, tenha dificuldades para entrar no mercado de trabalho ou consiga trabalhos precarizados.

Para a imensa população do Brasil, não há possibilidade de isolamento social diante da necessidade de continuar trabalhando fora de casa como a única forma de sobrevivência. A reportagem “Por que aglomero?” (Felicio, Silva & Veloso, 2021) é elucidativa quanto aos efeitos da impossibilidade de ficar em casa. Segundo ela, uma parcela dos jovens periféricos pode ter uma atitude de normalizar a pandemia. Muitos adolescentes pobres já eram impossibilitados de ter uma perspectiva de futuro em virtude de múltiplos fatores, como a falta ou precariedade de acesso à saúde e à educação. Não à toa, diante das críticas pelas aglomerações na periferia, os jovens rebatem: “no ônibus cheio, eu não vou pegar covid-19, mas no baile, sim?”. Acrescenta-se que as aglomerações ocorrem em todos os bairros e classes sociais, resta saber se são da mesma forma noticiadas.

Todos somos atravessados de diferentes formas pela pandemia, mas as nefastas e históricas desigualdades sociais afetam de forma distinta e se propagam ainda mais. Não é só vírus que propaga, a falta de perspectivas e de significados também.

## *Quem sou eu? E em uma pandemia?*

No consultório, Joe, 20 anos, nomeia de depressão o que sente ao ver o mundo, o país, a pandemia, a política, a desigualdade social, os abismos de realidades. Este jovem mostra um sofrimento que é preciso ter espaço para ser vivido. É necessário que eu reconheça e, mais que isso, que eu coloque o meu sofrimento em interlocução com o dele, diante do contexto da pandemia, ao qual ninguém escapa.

Joe tem interesse por astronomia e tecnologia, está sempre estudando e jogando videogame. Ele me fala do macrocosmo, do mundo do lado de fora, querendo me falar do micro, de seu mundo interno. Diz ele que “o micro é mais difícil de falar, mas estou tentando”, ao se referir a sua vida pessoal, singular, ao cotidiano, às suas idiossincrasias e à relação com os outros. Ele sonha em ser programador de jogos de videogame, entra em cada jogo e assume vários personagens, preferindo muitas vezes passar dias inteiros jogando:

*Eu não sei falar sobre mim. Quem sou eu? Não sei... Parece que quanto mais eu fico isolado, menos eu sei. Mas quero ficar sozinho, não quero precisar de ninguém, o mais difícil de tudo é se relacionar com os outros. Eu penso estrategicamente em como não revelar partes minhas, isso acontece o tempo todo. Tudo me irrita nos meus pais, não consigo ficar perto deles... E eu não posso sair de casa porque eu tenho medo de morrer com esse vírus.*

Para Joe, é possível ficar em casa, ao contrário da maioria dos jovens brasileiros. Observa-se uma fragilidade nos vínculos familiares e também um certo abandono com a companhia somente do videogame. É possível dizer que o isolamento para ele já era uma condição de vida antes mesmo da pandemia, sendo intensificado por esta, e, agora, ganha contornos avassaladores diante do medo da contaminação e do risco de vida.

O jovem mora com os pais, mas não consegue ficar no mesmo ambiente que eles, esquiva-se de qualquer aproximação pessoal. Privado de qualquer contato social, fecha-se em seu quarto e prefere ficar assim. Joe, já antes da

pandemia, demonstra uma ambivalência diante de uma das descobertas mais fundamentais desse momento da vida, marcado pela tentativa de responder à questão “Quem eu sou” diante do conflito entre a necessidade de estar sozinho e, ao mesmo tempo, em grupo.

Como Joe, há muitos jovens que em algum momento sentiram-se aliviados por não se encontrar com ninguém e confessam ficar felizes em segredo. Paulo também parece sentir algum alívio por não precisar mais ir à escola. De um certo ponto de vista, Paulo pode estar ainda mais isolado que Joe, diante de um desamparo social.

A angústia mobilizada por uma avalanche de notícias de mortes e perdas pode continuar perturbando mesmo durante o sono. Uma vez a jovem Laura, de 18 anos, também no consultório, me contou:

*A sensação que eu tenho acordada está sendo igual à dos meus piores pesadelos. Só que no pesadelo tem um fiozinho de esperança que eu posso acordar. Tenho diversos pesadelos com o mundo acabando. Estou em um bunker, e o mundo está acabando por causa do vírus e eu preciso continuar trabalhando. No sonho, tem uma cidade embaixo da terra, todos vivem lá e não tem como sair. Eu vejo em uma tela a aproximação do final do mundo, vejo que está chegando perto. A sensação é de um enorme desespero, eu sinto de verdade que vou morrer. E esta está sendo a mesma sensação que acontece quando estou acordada, é desesperador e, dessa vez, não tem como acordar.*

O sonho de Laura pode ser uma tentativa de uma acomodação mental inconsciente diante da intensa condição de fragilidade e medo em que se encontra. Sente no corpo a brutalidade do medo de morrer, o que ganha dimensões concretas com a ameaça de perigo pelo coronavírus. A capacidade de sonhar de Laura pode contribuir para a elaboração desta vivência de terror. O sonho revela uma importante função como um dispositivo de simbolização, principalmente diante de experiências que geram um excesso psíquico e podem se tornar traumáticas.

Chama a atenção que a jovem considera seu pesadelo mais esperançoso que a realidade vivida cotidianamente. De pesadelos, ainda é possível acordar, mas será possível acordar do mundo pandêmico, da pandemia brasileira? Em um mundo em que a realidade supera qualquer pesadelo e apaga possibilidades e perspectivas de vida, e a morte que ronda não é apenas fantasia, que significados esses jovens podem construir para suas experiências?

### *Isolamento e excesso do mundo virtual*

Além do isolamento, estar hiperconectado tem sido uma realidade para muitos jovens. Joe, por exemplo, quer criar um mundo próprio com os personagens no videogame. Diante do intenso medo do contágio, fantasia uma outra realidade mais protegida e talvez sinta como mais interessante. É possível que ele precise disso para sair daquele mundo sombrio que vê, porém o risco está em permanecer ainda mais em um profundo isolamento, não só físico, mas principalmente afetivo.

O isolamento intensificado pela pandemia faz com que este jovem, por um lado, ganhe motivos para se autorizar a fazer o que já desejava, permanecer ao máximo sozinho, mas, por outro lado, também demonstra sofrer diante disso. Não tem mais de vez em quando a conversa na faculdade, no ônibus, no intervalo das aulas. Estar isolado se tornou a nova recomendada (e, infelizmente necessária) conduta social. Inicialmente, ele se acalma porque, de repente, todos estão neste mesmo barco e, de alguma forma, ele já navegava nele há algum tempo, porém agora enfrenta ondas maiores.

Já antes da pandemia, havia realidades em que muitos jovens já se encontravam hiperconectados. Há de se considerar que o meio virtual, marcado pela internet, redes sociais, jogos online e aplicativos de conversa, vem estabelecendo novas formas de sociabilidade juvenis, também capazes de criar fortes redes afetivas, de pertencimento e apoio. Em que dimensão o virtual pode aproximar ou, ao contrário, distanciar? A experiência dita virtual seria menos real? Diante disso, podemos nos questionar de que maneira a pandemia impacta as experiências de quem já estava mergulhado no virtual e em que medida o virtual afrouxa ou impõe uma condição de isolamento.

É possível fazer apostas em uma direção, mas penso que as respostas são singulares. Pode ser que muitos adolescentes estejam mais “adaptados” às restrições impostas pelo contexto de isolamento, pois a convivência já era antes quase sempre virtual. No caso de Joe, depois de um ano de pandemia, ele reconhece que o isolamento gerou um grande mal-estar. O relativo apaziguamento do início, diante do que sente como uma diminuição das pressões externas sociais, logo se esvai, e o garoto relata um excesso das “mesmas paredes”, “das mesmas telas”, “dos mesmos dias”, “do mesmo vazio”, “da mesma solidão”, que o sufocam.

Os diferentes papéis do mundo virtual são contraditórios e podem coexistir. Por um lado, podem possibilitar e estreitar vínculos; por outro, podem distanciar, com a fragmentação de conversas e um prejuízo na convivência; tais elementos se sobrepõem e não são simples de distinguir. Nasio (1942/2011) apontava a “ciberdependência” como uma das novas formas de sofrimento inconsciente dos adolescentes; dependências sem drogas, ciberdependências dos videogames e também do uso exagerado do virtual com um caráter erótico. Nesse caso, não se trata mais de dependência de um produto, mas de dependência de um comportamento.

Deslandes e Coutinho (2020) consideram que o isolamento social adotado para o enfrentamento da pandemia de covid-19 intensificou alguns elementos ligados à sociabilidade digital, como hiperexposição, diluição de fronteiras público-privadas-íntimas e espetacularização de si. Tal fenômeno traz ainda um acirramento da violência digital, com o uso de mensagens e imagens com a intenção de ferir ou constranger outra pessoa e uma maior propensão a novas formas de adição, como ao cibersexo, às redes sociais, a jogos, além de compras e apostas. Nesta sociabilidade digital, a construção da imagem de si mediada por ferramentas tecnológicas leva à potencialização do fenômeno de colocar a intimidade como principal foco de espetacularização.

Tal fenômeno é agravado pelo contexto da pandemia e por se tratar de adolescentes, o que inclui também, por exemplo, o risco do acesso a conteúdos inadequados para a idade. O mundo virtual pode ser situado algumas vezes como um lugar de abandono para muitos adolescentes, jogados à própria sorte, fazendo o que bem entendem, sem a intervenção efetiva de quase ninguém, ainda mais diante da naturalização e da tolerância pouco crítica a tais

práticas. Essa demonstra ser a realidade de vários jovens, sobretudo de classes média e alta.<sup>4</sup>

Em um mundo com o excesso do virtual e um apagamento do sujeito, observa-se uma saturação da mente que pode ser produzida pelo meio digital. Saturação esta que pode se apresentar justamente como profundo tédio e apatia diante de uma sensação de vazio. Paradoxalmente, entediarse pode ser uma saída: de acordo com Baptista e Jerusalinsky (2017), é no encontro com o vazio que é possível criar mundos de ficção e entrar em contato consigo mesmo, o que requer um tanto de tempo e pontos de ausência na tela de imagens saturadas. Uma mente saturada de estímulos, totalmente preenchida, pode ter dificuldade para sonhar e projetar, capacidades ainda mais importantes em tempos atuais.

Pode-se dizer que, para muitos, o tempo na pandemia é sentido de outra forma, ficou mais lento – ou, então, muito rápido. Há grandes limitações de encontros, lazer, distrações cotidianas, com as mais diferentes consequências para cada um. É necessária uma aposta em abrir espaços, na mente e no mundo externo, para favorecer outro tipo de conexão, de cada um consigo mesmo, entre mente e corpo, e a possibilidade de fortalecer os vínculos afetivos e de solidariedade, apesar da distância física.

Baptista e Jerusalinsky (2017) apontam que é necessário sair do horror ou do fascínio que o virtual pode causar, não cedendo ao pensamento simplista e abrindo um pensamento reflexivo. Há de se considerar que o virtual possibilita acessar e ter contato com mundos e pessoas que dificilmente conheceríamos de modo físico. Tal ampliação, entretanto, convive com a impossibilidade de contato e experiência direta com o mundo e com outras pessoas, já que se dá, no meio virtual, mediada por aparatos de tecnologia, além de usualmente se dar em larga escala e com uma rapidez impressionante. Dessa forma, falamos de uma certa “pobreza de experiência”, que é transferida para fora dos

---

4 Talvez a condição desses jovens seja mais assustadora do que estarem jogados à própria sorte, não podendo contar com a supervisão de adultos responsáveis a respeito dos conteúdos acessados virtualmente. O documentário *O dilema das redes* (Orlowski, 2020) mostra como os algoritmos das redes sociais não apenas identificam interesses dos usuários, mas são capazes de produzi-los, induzindo comportamentos. É possível pensar, então, que muitos desses jovens estejam vivendo sob a tutela desses algoritmos.



indivíduos (Agamben, 1979/2005). Fora de si, parece se tornar difícil que jovens tenham experiências enriquecedoras, capazes de promover sua auto-descoberta e seu contato com o eu, redundando na construção de uma existência dotada de poucos significados.

Dessa forma, o sofrimento para os adolescentes está presente por todos os lados, ao serem jogados, possivelmente mais do que antes, em um estado de sobrevivência ao mesmo tempo social e psíquica e com os mais diferentes atravessamentos culturais, econômicos, políticos e intersubjetivos. Em uma realidade histórica marcada por extremos, observa-se, assim, aqueles que estão em um profundo isolamento social e afetivo, com intensa angústia e medo da contaminação, mas também tantos outros com sofrimentos velados ao serem obrigados a banalizar o risco da vida cotidianamente.

## Referências

- Abrasco – Associação Brasileira de Saúde Coletiva. (2020). *Coronavírus nas favelas: “É difícil falar sobre perigo quando há naturalização do risco de vida”*. Recuperado de: <https://www.abrasco.org.br/site/outras-noticias/saude-da-populacao/coronavirus-nas-favelas-e-dificil-falar-sobre-perigo-quando-ha-naturalizacao-do-risco-de-vida/46098/>.
- Agamben, G. (2005). *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG. (Trabalho original publicado em 1979).
- Aquino, J. G. (2007). *Instantâneos da escola contemporânea*. Campinas: Papyrus.
- Baptista, A., & Jerusalinsky, J. (Orgs.). (2017). *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma.
- BBC. (2018). Adolescência agora vai até os 24 anos de idade, e não só até os 19, defendem cientistas. *BBC News*. Recuperado de: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-42747453>.

- Davis, M., & Wallbridge, D. (1982). *Limite e espaço: uma introdução à obra de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Deslandes, S. F., & Coutinho, T. (2020). O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(6), suppl 1.
- Estrela, F. M. et al. (2020). Pandemia da Covid-19: refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(9), 3431-3436.
- Felicio, A. B., Silva, E., & Veloso, L. (2021). Por que aglomero? *Agência Mural*. Recuperado de: <https://www.agenciamural.org.br/especiais/jovens-relatam-os-motivos-para-irem-a-festas-durante-a-pandemia/>.
- Gomes, N. L. (2020). A questão racial e o novo coronavírus no Brasil. *Friedrich-Ebert-Stiftung – Trabalho e justiça social*. Recuperado de: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/16315.pdf>.
- Lima, A. L. D. et al. (2020). *Retratos da Educação no contexto da pandemia do coronavírus. Um olhar sobre múltiplas desigualdades*. Recuperado de: [https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2021/02/Retratos-da-Educacao-na-Pandemia\\_digital-\\_outubro20.pdf](https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2021/02/Retratos-da-Educacao-na-Pandemia_digital-_outubro20.pdf).
- Miliauskas, C. R., & Faus, D. P. (2020). Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. *Physis*, 30(4).
- Nasio, J.-D. (2011). *Como agir com um adolescente difícil? Um livro para pais e profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1942).
- Oliveira, W. A. et al. (2020). A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(8).
- Orlowski, J. (Dir.). (2020). *O Dilema das Redes*. Estados Unidos: Exposure Labs, Argent Pictures, The Space Program.
- Patto, M. H. S. (1999). *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Souza, B. P. (Org.). (2010). *Orientação à queixa escolar*. 2a ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vezzali, F. (2020). Aprofundamento das desigualdades: crianças, adolescentes e jovens na América Latina em pandemia. *Ação Educativa*. Recuperado de: <https://acaoeducativa.org.br/publicacoes/aprofundamento-das-desigualdades-criancas-adolescentes-e-jovens-na-america-latina-em-pandemia/>.
- Winnicott, D. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1963).
- Winnicott, D. (1987). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. (1999). O conceito de indivíduo saudável. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp. 3-22). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1971).

